

# **A DINÂMICA INDUSTRIAL NO CONTEXTO DAS CIDADES PEQUENAS NA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE CAMPO GRANDE – MS**

Douglas Camilo Gonçalves D'ANGELO <sup>1</sup>

Claudia Vera da SILVEIRA <sup>2</sup>

Paulo Fernando Jurado da SILVA<sup>3</sup>

## **RESUMO**

A presente pesquisa tem como objetivo a análise da dinâmica industrial das cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Campo Grande (RGI). A formação industrial da região foi abordada, pois possui o maior contingente populacional do estado de Mato Grosso do Sul, além de suas condições econômicas, sociais, de trabalho, entre outros. Buscar-se-á contribuir, desse modo, relacionando a dinâmica com os papéis que as cidades pequenas desempenham no contexto da dinâmica econômica regional. Para isso, os procedimentos metodológicos partiram de uma revisão da bibliografia sobre cidades pequenas e a indústria, a fim de relacionar a fundamentação com os dados disponíveis nos sites especializados que tratam de indústrias e vínculos. Nesse sentido, espera-se que a pesquisa contribua de maneira qualitativa para a reflexão e compreensão da indústria e das cidades pequenas na RGI de Campo Grande. A exploração dos dados revelou desigualdades no processo de industrialização, que são majoritariamente de indústrias frigoríficas. Observou-se diferenças entre as cidades pequenas do recorte, tanto no número de vínculos quanto na quantidade e porte dos estabelecimentos.

**Palavras-chaves:** Indústria. Cidades pequenas. Território. Vínculos empregatícios. Disseminação do modo industrial.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD).

<sup>3</sup> Docente na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

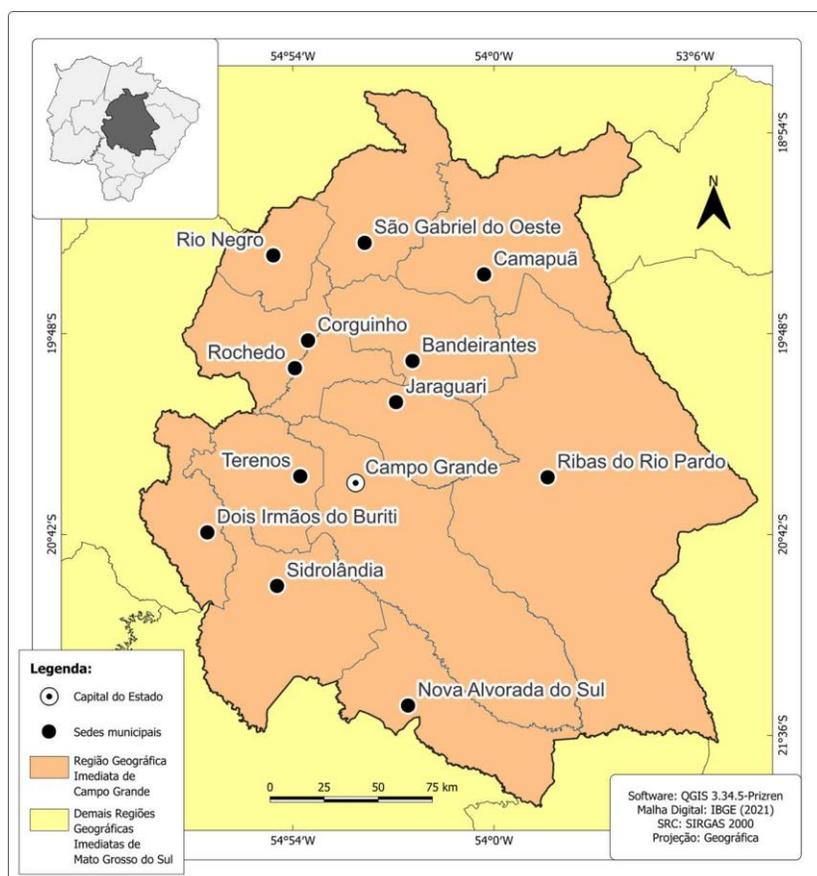
## **INDUSTRIAL DYNAMICS IN THE CONTEXT OF SMALL CITIES IN THE IMMEDIATE GEOGRAPHIC REGION OF CAMPO GRANDE – MS**

The present research aims to analyze the industrial dynamics of small cities in the Immediate Geographic Region of Campo Grande (IGR). The industrial formation of the region was addressed, as it has the largest population contingent in the state of Mato Grosso do Sul, in addition to its economic, social, and work conditions, among others. In this way, we will try to contribute by relating this dynamic with the roles that these cities play in the context of regional economic dynamics. To this end, the methodological procedures were based on a review of the bibliography on small towns and industry, in order to relate this foundation with the data available on specialized websites that deal with industries and links. In this sense, it is expected that the research will contribute in a qualitative way to the reflection and understanding of the industry and small towns in the IGR of Campo Grande. Exploration of the data revealed inequalities in the industrialization process, which are mostly refrigerated industries. Differences were observed between the small cities in the sample, both in the number of links and in the number and size of establishments.

**Keywords:** Industry. Small cities. Territory. Employment links. Dissemination of the industrial mode.

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo a análise da dinâmica industrial das cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Campo Grande, composta por 13 municípios. Analisando e compreendendo a relação dos pequenos centros com a indústria, a partir da observação dos estabelecimentos e vínculos empregatícios, bem como a verificação das especificidades do processo de industrialização na área escolhida para o estudo. Na Figura 1, é possível observar o recorte espacial da pesquisa.



**Figura 1 - Localização dos municípios da RGI de Campo Grande - MS, 2023**

Fonte: Autores, 2023.

Elegemos, para o debate inicial, acerca do conceito de cidade pequena, um recorte demográfico condizente com a classificação do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que define como cidades pequenas os aglomerados urbanos com até 50 mil habitantes. Nesse sentido, autores como Jurado da Silva (2011) e Fresca (2010) destacam esse recorte, mas

ponderam a necessidade de verificar as particularidades e singularidades das diferentes redes urbanas, para que não se incorram em generalizações descabidas.

Na RGI de Campo Grande, apenas Campo Grande não é considerada uma cidade pequena, pois sua população é de 897.938 habitantes (IBGE, 2022). No entanto, as cidades pequenas não podem ser entendidas por si mesmas, tendo papel significativo e pensado a partir das relações com centros de outras magnitudes.

Dos 79 municípios de Mato Grosso do Sul, 73 possuem menos de 50 mil habitantes. Desse modo, a relevância do estudo das cidades pequenas na RGI de Campo Grande é evidenciada para a compreensão da dinâmica econômica industrial da região, que mesmo sendo formada em grande parte por cidades pequenas, é a região do estado que possui o maior contingente populacional, sendo polo econômico industrial e de serviços. Todavia, é importante ressaltar que mesmo tendo como patamar inicial tal quociente demográfico, outras relações teóricas devem ser trabalhadas para melhor compreender tal realidade. Uma delas, sem sombra de dúvidas, é a análise desses centros a partir da escala municipal, como defendeu Soares (2011), ao estudar o campo e cidade de maneira indissociável, e não apenas o urbano e a cidade como a sede do município, mas sim a partir da sua relação com a totalidade.

O debate acerca do tema das cidades pequenas na Geografia não é novidade, mas reconhece-se que o território brasileiro apresenta grande diversidade, o que expõe a necessidade de ler tal dinâmica, reconhecendo a pluralidade e a heterogeneidade desta realidade. Os dados do IBGE (2022), demonstram que dos 5.570 municípios brasileiros, 4.913 possuem menos de cinquenta mil habitantes, e 31,5% da população reside nesses pequenos centros, demonstrando o quão importante é esse contexto. Acerca dessa realidade, o estudo das cidades pequenas é amplo, complexo e singular, dada a dimensão territorial e desigualdades observadas em diferentes dimensões no território brasileiro, pois: “A cidade pequena em si não é um dado *a priori*, não deve ser analisada isoladamente, porém no plano de suas relações com outros centros e como aspecto material da sociedade” (Jurado da Silva, 2011, p. 22).

Portanto, a análise das cidades da RGI de Campo Grande levará em conta, basicamente, a contextualização do tempo presente, mas sem desconsiderar os demais momentos da história, quando for necessária a devida articulação teórica.

Para compreender a evolução da relevância das cidades pequenas, Corrêa (2011) debateu que, entre as décadas de 1950 e 1960, as cidades pequenas desempenharam um papel importante

na articulação entre o campo e a indústria, beneficiando produtos do mundo rural e distribuindo industrializados vindo das grandes cidades. Isso ocorreu em um contexto de industrialização limitada, mas de melhoria da infraestrutura, com a construção de rodovias.

A partir dos anos 1970, com ênfase no atual período da globalização, os espaços são apropriados para atender “[...] aos interesses dos atores hegemônicos da economia, da cultura e da política e são incorporados plenamente às novas correntes mundiais. O meio técnico-científico-informacional é a cara geográfica da globalização” (Santos, 2006, p. 160). Nesse contexto, as cidades pequenas não estão mais limitadas às suas relações com o entorno. Com o avanço das tecnologias, que permitem a comunicação e a troca de informações de forma rápida e eficiente, elas se relacionam com o mundo globalizado. Isso significa que cidades pequenas, mesmo com tamanho demográfico semelhante, desempenham diferentes papéis. Acerca disso, a tabela 01 traz a população histórica da RGI de Campo Grande.

**Tabela 01 - Série histórica da população na RGI de Campo Grande (1991-2022)**

<b>Municípios</b>	<b>1991</b>	<b>2000</b>	<b>2010</b>	<b>2022</b>
Campo Grande	526.126	663.621	786.797	897.938
Sidrolândia	15.545	23.483	42.132	47.118
São Gabriel do Oeste	12.034	16.821	22.203	29.579
Ribas do Rio Pardo	13.423	16.721	20.946	23.150
Nova Alvorada do Sul	7.330	9.956	16.432	21.822
Terenos	9.998	11.662	17.146	17.638
Camapuã	15.501	16.446	13.625	13.583
Dois Irmãos do Buriti	8.749	9.335	10.363	11.100
Bandeirantes	6.169	6.425	6.609	7.940
Jaraguari	4.496	5.389	6.341	7.139
Rochedo	3.522	4.358	4.928	5.199
Rio Negro	5.604	5.432	5.036	4.841
Corguinho	3.679	3.592	4.862	4.783

Fonte: IBGE, 2022

Analisando a tabela 01, nota-se a expressiva taxa de crescimento populacional de Campo Grande<sup>4</sup> (14,1%) em relação ao último Censo, ficando acima da média nacional, que foi de 6,5%, o que contribuiu para que a RGI analisada se conforme como a região do estado que possui o maior contingente populacional, como já debatido anteriormente. Ademais, fica evidente a quantidade de

<sup>4</sup> De maneira geral, todo estado obteve taxa de crescimento populacional acima da média, com algumas exceções, conforme pode ser verificado no balanço realizado pelo Governo de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/isvLQ>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

idades pequenas no recorte do estudo. No entanto, para se definir que papel uma cidade pequena ocupa na divisão territorial do trabalho ou na produção industrial, o tamanho populacional não pode ser levado como fator chave, pois:

[...] o número de habitantes como variável utilizada resultará em considerar cidades com populações similares como sendo pequenas, mas não levará em conta as especificidades de cada uma delas. Não permitirá que se entenda as diferentes inserções de cada núcleo urbano nas redes ou região, impedindo que se entenda seus papéis, suas áreas de influência, suas integrações internas e externas às redes [...] (Fresca, 2010, p. 76).

No Brasil, os pequenos centros representam o maior número de cidades, que com as novas lógicas de instalação industrial em curso, são cada vez mais ocupadas no sentido de se desenvolver o modo capitalista de produção por meio das atividades industriais. Assim, estudar as cidades pequenas é entender os seus papéis, significados e possibilidades, pois na academia e no meio político, essas são ignoradas. Mas, para o modo capitalista de produção, as cidades pequenas são atrativas por atenderem a necessidade que seu modo econômico de agir exige (Endlich, 2006).

No entanto, a apropriação dos territórios das cidades pequenas para a acumulação capitalista por meio das indústrias não se dá de forma aleatória e generalizada. Nesse sentido, alguns autores são importantes referenciais teórico-metodológicos, para se observar fatores locacionais e tipologia das indústrias, como por exemplo: Jurado da Silva (2011) que contribuiu com a ideia de “disseminação do modo de produção industrial”, para que se fosse possível identificar as desigualdades de técnicas industriais empregadas nas cidades pequenas do estudo; Sposito (2015) e Sposito e Matushima (2002), com o conceito de “eixos de desenvolvimento”, foram importantes para que se compreendesse os fatores locacionais das indústrias mais modernas, que são capazes de trazer desenvolvimento para determinadas localidades.

Autores, como Bernardelli (2004), que aborda a questão da reprodução social, estrutura fundiária e moradias; Fresca (2010), que trata das singularidades das cidades pequenas e seus papéis na divisão social e territorial do trabalho; Endlich (2006), que estudou, entre outras coisas, o declínio demográfico em cidades pequenas e apropriação do território por grandes empreendimentos capitalistas; e Silva (2016), que analisou a política industrial e de incentivos fiscais do governo de Mato Grosso do Sul, também foram importantes para o estudo da dinâmica industrial das cidades pequenas do recorte da pesquisa.

Nota-se que, por mais relevante que sejam os estudos sobre as dinâmicas das cidades

pequenas, o levantamento bibliográfico realizado nas principais bases de pesquisa não encontrou nenhum trabalho que correlacione a temática das cidades pequenas e a indústria na RGI de Campo Grande. Dessa maneira, a presente pesquisa justifica-se, uma vez que o processo de industrialização é uma realidade na RGI de Campo Grande, fazendo-se necessária a reflexão da questão industrial e suas especificidades em cada cidade pequena, contribuindo para novas abordagens, na medida em que se espera ser evidenciado, no presente trabalho, a singularidade e importância desses pequenos centros.

Sendo assim, a metodologia de pesquisa baseia-se, especialmente, no levantamento e revisão bibliográfica sobre o assunto, bem como na coleta, tabulação e análise de dados secundários a respeito da temática. Este trabalho foi apresentado na forma de tabelas, quadros e produção cartográfica, de acordo com a análise exploratória e interpretações concernentes a investigação. A análise de dados e informações provenientes do IBGE, da RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), do Econodata, são importantes para a compreensão, respectivamente, dos dados populacionais, vínculos empregatícios e principais indústrias da RGI. Assim, a metodologia e produtos supracitados são fundamentais para, entre outras coisas, observar os vínculos empregatícios e a espacialidade dos estabelecimentos industriais.

Subsequentemente, é importante frisar que o presente artigo não esgota as possibilidades de análises ao entendimento da dinâmica industrial das cidades pequenas da RGI, e que devido a complexidade e necessidade de estudos mais aprofundados, somente as cidades pequenas que abrigam as indústrias de maior destaque dentro do recorte (Nova Alvorada do Sul, Sidrolândia, Ribas do Rio Pardo, Terenos e São Gabriel do Oeste), foram selecionadas para o estudo, evidenciando as diferenças de industrialização de centros semelhantes demograficamente. O critério de escolha das indústrias se dá pelo faturamento e quantidade de vínculos, baseando-se no *site* Econodata e na RAIS.

Sendo assim, esta pesquisa está estruturada a partir desta introdução, que tem como objetivo conceitualizar e demonstrar o papel e importância dos estudos das cidades pequenas, trazendo as principais contribuições de autores importantes para a temática. Ademais, o artigo está organizado em dois itens teóricos que retratam brevemente a inserção de Mato Grosso do Sul no cenário industrial, nacional e mundial e a dinâmica industrial das cidades pequenas selecionadas para o estudo. Por fim, nas considerações finais, busca-se de forma sintética, as principais características da indústria na RGI e as perspectivas futuras da atividade industrial no recorte analisado.

## **2 A DINÂMICA INDUSTRIAL NAS CIDADES PEQUENAS DA RGI DE CAMPO GRANDE – MS**

O estado de Mato Grosso insere-se timidamente na dinâmica industrial nacional a partir de 1930, no contexto da substituição de importações, cujo projeto de desenvolvimento nacional do presidente Getúlio Vargas se baseou, em partes, no estímulo à industrialização, por meio do investimento em setores estratégicos, sobretudo o da indústria de base, com a criação da Companhia Vale do Rio Doce, Companhia Siderúrgica Nacional, Companhia Hidrelétrica do São Francisco, entre outros.

Até o ano de 1970, a indústria mato-grossense pouco se desenvolveu, em razão, principalmente, da pouca oferta de fontes de energia e deficiência da infraestrutura de transportes, que mantinham isoladas várias regiões. A superação desses entraves permitiu o crescimento do comércio entre regiões, porém houve uma divisão territorial e social de trabalho, na medida em que empresários mato-grossenses não tinham condições de competir com São Paulo, que “[...] assumiu a liderança na construção do mercado nacional, como principal fornecedor de produtos industrializados e consumidor de matérias-primas e insumos das demais economias regionais” (Pavão, 2005, p. 14).

Nesse cenário, insere-se Campo Grande, que internamente, passa a exercer centralidade econômica a partir da chegada da ferrovia ao Sul do estado, passando a ser o principal centro comercial de Mato Grosso. Ao mesmo tempo, Mato Grosso se tornou fornecedor de gado e matérias-primas, como minérios produzidos pela siderúrgica Sobramil, para o setor industrial paulista (Lamoso, 2001).

Sobre a ascensão econômica de Campo Grande, Eugênio Pavão discorreu que, em Mato Grosso:

As empresas industriais que se instalaram, no fim do século XIX, foram as pequenas empresas substitutas de importações na região de Corumbá e Cuiabá, ligadas ao comércio internacional fluvial, aproveitando-se da existência de capital (local e estrangeiro), para a instalação de pequenas unidades industriais ou de empresas ligadas ao setor pecuário (charqueadas ou saladeiros). Com a implantação do transporte ferroviário, ocorre o deslocamento da dinâmica da economia para Campo Grande, que passa a receber os investimentos dos “pequenos industriais” (Pavão 2005, p. 140).

Considerando esse contexto, é evidente que a implementação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em operação de 1914 a 1996, alterou significativamente a dinâmica regional. Nesse cenário, novos papéis foram assumidos e novas relações foram estabelecidas. Sendo assim, em 1970, a indústria mato-grossense tinha como principais segmentos industriais a mineração, madeireiras e a indústria alimentícia (Pavão, 2005).

O desenvolvimento industrial incipiente de Mato Grosso, até 1970, deu-se com a criação de empresas em diferentes setores. As cidades de Corumbá, Campo Grande e Cuiabá foram os principais polos industriais, devido ao seu desenvolvimento urbano e à disponibilidade de matérias-primas e mão-de-obra. A pecuária, que sempre foi importante para a economia de Mato Grosso, só passou a agregar valor na matéria-prima, com a construção de frigoríficos, a partir dos anos 1950 (Pavão, 2005), graças a medidas adotadas no segundo governo de Getúlio Vargas, que protegiam os agentes econômicos brasileiros e estimulavam a expansão produtiva das indústrias frigoríficas para o Brasil Central (Mamigonian, 1976).

Já, a partir dos anos 1970, no contexto do meio técnico-científico-informacional e da Ditadura Militar (1964 – 1985), o governo federal implementa uma série de programas para integrar o Centro-Oeste à economia nacional. Esses programas visavam expandir a fronteira agrícola da região e modernizar a agricultura, gerando divisas para o país. Como resultado desses programas, o Centro-Oeste passou a ser um importante produtor de grãos e carne, e Mato Grosso do Sul foi criado a partir do desmembramento de Mato Grosso. Esse modelo de desenvolvimento foi baseado, segundo Bertha Becker e Cláudio Egler (1992), na ideia de modernização autoritária, na medida em que:

O projeto geopolítico do Brasil-Potência, elaborado e gerido pelas Forças Armadas, deixou marcas profundas sobre a sociedade e o espaço nacionais. A economia brasileira alcançou a posição de oitavo PIB do mundo, seu parque industrial atingiu elevado grau de complexidade e diversificação, a agricultura apresentou indicadores flagrantes de tecnificação e dinamismo, e uma extensa rede de serviços interligou a quase-totalidade do território nacional (Becker; Egler, 1992, p. 169).

Acerca do que foi debatido pela autora, sobre a modernização autoritária, é importante frisar que o Brasil estava sob o período da Ditadura Militar, no contexto do “milagre econômico”. Tal milagre que se originou da modernização técnica do campo, apropriação e uso do território de maneira autoritária, não gerou desenvolvimento socioeconômico, mas sim crescimento do PIB

nacional, enquanto o êxodo rural se acentuava e às pessoas subsistiam nas cidades. Becker e Egler (1992, p.169), chama esse período de “modernidade da pobreza [...] iluminada pela pequena janela das telas dos aparelhos de televisão, que se espalhavam nas centenas de milhares de casas, casebres e favelas”.

Nesse contexto, surge Mato Grosso do Sul, em 11 de outubro de 1977, através da Lei complementar nº 31, assinada pelo então presidente Ernesto Geisel. As principais razões para essa divisão, foram, justamente, a dinâmica econômica diferenciada que o Sul de Mato Grosso tinha com a Região Sudeste, que se acentuou após a construção da estrada de ferro, provocando um desenvolvimento socioeconômico desigual entre Sul e Norte de Mato Grosso.

Sendo assim, a transformação da dinâmica socioeconômica de Mato Grosso do Sul insere-se no contexto da difusão do meio técnico-científico-informacional e na modernização autoritária do território, com a criação de novas divisões territoriais do trabalho, a partir da transferência de indústrias para as cidades médias e pequenas. A reestruturação do capital, por sua vez, também foi impulsionada pela desconcentração industrial na região metropolitana de São Paulo.

Como visto, fatores como localização geográfica periférica, políticas econômicas nacionais, implementação da estrada de ferro e a proximidade com a Região Sudeste, conformam Campo Grande como polo econômico e de prestação de serviços da região em que está inserido, o que influencia diretamente nos papéis que as cidades pequenas ao seu entorno desempenham.

Na atualidade, para se elucidar a dinâmica econômica e industrial da Região Geográfica Imediata de Campo Grande (RGI), tendo as cidades pequenas do recorte espacial como objeto de estudo, é imprescindível entender as relações em diferentes escalas, observando, entre outras coisas, a reprodução espacial do capital, os vínculos empregatícios e as características dos estabelecimentos industriais instaladas no recorte da pesquisa. Diante disso, na tabela 02 pode ser observada a quantidade de estabelecimentos industriais e vínculos na RGI de Campo Grande.

**Tabela 02 – Estabelecimentos Industriais e vínculos empregatícios da indústria na Região Geográfica Imediata de Campo Grande, 2021**

<b>Municípios da Região Geográfica Imediata de Campo Grande</b>	<b>Indústria</b>	<b>Vínculos</b>	<b>% Indústria</b>	<b>% Vínculos</b>
Campo Grande	1.376	23.542	82,30	66,06
São Gabriel do Oeste	82	3.746	4,90	10,51
Sidrolândia	60	3.464	3,59	9,72
Ribas do Rio Pardo	48	1.986	2,87	5,57
Terenos	28	950	1,67	2,67
Nova Alvorada do Sul	22	785	1,32	2,20
Camapuã	14	777	0,84	2,18
Jaraguari	10	117	0,60	0,33
Dois Irmãos do Buriti	9	80	0,54	0,22
Bandeirantes	9	69	0,54	0,19
Corguinho	5	57	0,30	0,16
Rochedo	5	38	0,30	0,11
Rio Negro	4	24	0,24	0,07
<b>Total</b>	<b>1.672</b>	<b>35.635</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: RAIS/MTE, 2021

A tabela 02 evidencia que Campo Grande concentrava, em 2021, 82,30% dos estabelecimentos industriais e 66,06% dos vínculos empregatícios. Tal quadro pode ser compreendido a partir de alguns fatores que são fundamentais para essa conformação: política de industrialização e incentivos fiscais promovidos pelo governo do estado, conforme foi elucidado por Silva (2016, p. 134); infraestrutura consolidada; proximidade dos mercados consumidores e presença de instituições de ensino e pesquisa.

Ademais, observa-se que São Gabriel do Oeste, Sidrolândia, Ribas do Rio Pardo, Terenos e Nova Alvorada do Sul, são cidades pequenas com número de vínculos e estabelecimentos industriais relevantes para a pesquisa, pois estas, junto com Campo Grande, somam 96,72% dos vínculos e 96,65% dos estabelecimentos. Nesse caso, vale ressaltar que a indústria de alimentos é a que mais possuía vínculos ativos em 2021, com destaque para Campo Grande, São Gabriel do Oeste e Sidrolândia que, respectivamente, possuíam 9.008, 3.126 e 3.235 vínculos (RAIS/MTE, 2021). Majoritariamente, esses vínculos são da indústria frigorífica. Procurando desagregar os dados, observou-se na CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) 2.0 (classe), que na RGI de Campo Grande, 9.948 vínculos da indústria de alimentos são para a função de

“Abate de reses, exceto suínos” e “Abate de suínos, aves e outros pequenos animais”, o que demonstra a relevância dos estabelecimentos frigoríficos instalados nas cidades pequenas da RGI.

Nota-se ainda, que a indústria frigorífica gera muitos vínculos no campo, na produção da matéria-prima. De acordo com o que foi verificado na CNAE (subclasse), havia, em 2021, 7.856 vínculos na “Criação de bovinos para corte”. Foi observado que grande parte desses vínculos estão distribuídos de forma equilibrada nas cidades pequenas sem relevância nas atividades industriais, como por exemplo, Camapuã, que contava com 879 vínculos.

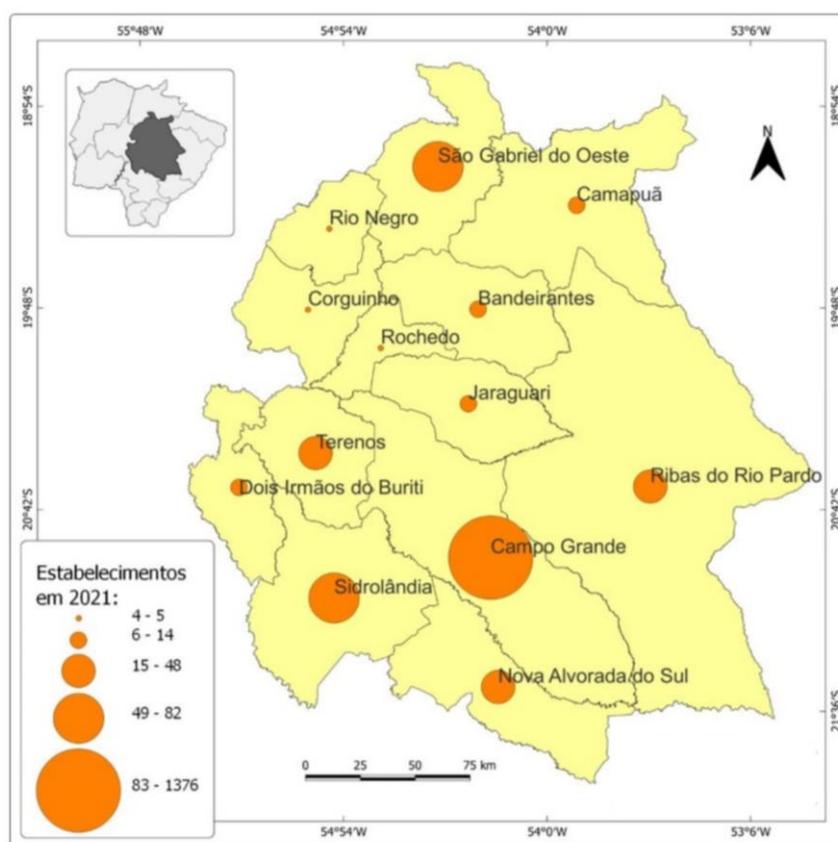
Sendo assim, nota-se que há uma cadeia produtiva consolidada do setor frigorífico no recorte do estudo. Portanto, na tentativa de se caracterizar a indústria da RGI estudada, há de se realizar, também, uma análise qualitativa desses estabelecimentos. Para isso, Jurado da Silva (2011) defendeu a ideia de “disseminação do modo industrial”, no entendimento da difusão espacial da indústria. Nas diferentes etimologias das palavras do conceito lançado, o autor adota disseminação como “dispersão e difusão”; modo, como “forma particular de algo”; e industrial como concepção de que “as indústrias estão desenvolvidas ou disseminadas” (Sposito; Jurado da Silva; Silveira, 2023). Nesse sentido, há de se:

Reconhecer [...] diferentes formas de inserção industrial [...], para considerar que os ramos da indústria podem ser mais complexos e com maior grau de incorporação tecnológica, dependendo do papel que tais localidades ocupam na divisão territorial do trabalho. Assim, a ideia de disseminação do modo industrial de produção possui contradições, resultantes do desenvolvimento desigual das forças produtivas no território (Sposito; Jurado da Silva; Silveira, 2023, p. 83).

A desigual distribuição de forças produtivas a que se referiu os autores, é baseando-se, sobretudo a São Paulo, uma metrópole que abriga indústrias de alta tecnologia e que comanda a rede urbana nacional. Mesmo que dentro do recorte escolhido para estudo, observa-se diferentes níveis de técnicas empregadas na produção, provocando diferenças internas, em que predominam estabelecimentos industriais frigoríficos com métodos tradicionais de produção.

Acerca disso, é evidente a disseminação do modo industrial na RGI estudada, com exceção de Nova Alvorada do Sul e Ribas do Rio Pardo, que, respectivamente, tem relativo emprego de tecnologia na produção sucroenergética e de celulose. Na Figura 2, pode ser observada a distribuição espacial dos estabelecimentos industriais da RGI.

A distribuição espacial desigual das indústrias na RGI de Campo Grande, além de quantitativas, são qualitativas. Em Nova Alvorada do Sul, por exemplo, município com 21.822 habitantes, destacam-se atividades industriais do setor sucroenergético, que tem o emprego de considerável tecnologia na produção de açúcares, álcool e energia. Dados de exportação da Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL, 2023) revelam o alcance espacial dessa atividade, que comercializa sua produção com países como Holanda, Canadá, República da Geórgia, China etc. Em 2022, por exemplo, foram exportados US\$ 227 milhões em açúcar bruto, com destaque para o município de Nova Alvorada do Sul, que é responsável por 14% de toda produção de cana-de-açúcar do estado<sup>5</sup>.



**Figura 2 - Distribuição dos estabelecimentos industriais na Região Geográfica Imediata de Campo Grande, 2021**

Fonte: RAIS/MTE, 2023. Elaborado pelos autores, 2023.

<sup>5</sup> No total, as exportações do setor sucroenergético em MS somaram US\$ 312 milhões, com 72,7% correspondendo a cana-de-açúcar; álcool etílico 22,3%; e o açúcar refinado em 4,9%. Disponível em: <<https://portal.sistemafamasul.com.br/noticias/mato-grosso-do-sul-setor-sucroenerg%C3%A9tico-exportou-us-312-milh%C3%B5es-entre-janeiro-e-outubro-de>>. Acesso em: 05 dez. 2023.

A expressiva atividade sucroenergética revelada em Nova Alvorada do Sul teve o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) como principal financiador. Conforme foi verificado por Silva (2016), o banco público realizou, em 2008, investimentos na casa de R\$ 1 bilhão de reais no setor sucroenergético de algumas cidades de Mato Grosso do Sul. Desse montante, 35,2% foram destinados para Nova Alvorada do Sul, seguido de Dourados, com 31,5%; Angélica, com 14,1%; e Maracaju, 12,4%. Acerca dessa realidade, Cristóvão Silva, destacou que:

Essas corporações representam, no Sul do estado, uma especialização produtiva regional, em torno de Dourados, na qual até municípios sem expertise industrial, como Nova Alvorada do Sul, tornam-se estratégicos no domínio territorial da corporação. Por isso, argumenta-se aqui sobre o domínio geoeconômico das atividades industriais no Mato Grosso Sul, baseadas em recursos naturais, que alçam competitividade, sobretudo com financiamentos e incentivos fiscais (Silva, 2016, p. 196).

Diante do exposto, a principal agroindústria do setor sucroenergético de Nova Alvorada do Sul é a Agro Energia Santa Luzia, que está em operação no município desde 2009, e é uma das nove unidades do grupo Atvos<sup>6</sup>. Em Mato Grosso do Sul, o grupo conta com três unidades: em Costa Rica, Rio Brilhante, e a Unidade Santa Luzia, em Nova Alvorada do Sul.

O grupo Atvos é uma grande corporação que atua globalmente e se insere na cidade pequena, que oferece condições para a acumulação capitalista por meio de diversos tipos de incentivos públicos, provocando a desigualdades na RGI. Sendo assim, o território das cidades pequenas, no contexto da globalização, é “[...]organizado para servir às grandes empresas hegemônicas e paga por isso um preço, tornando-se fragmentado, incoerente, anárquico para todos os demais atores”, figurando como espaço da economia internacional (Santos; Silveira, 2004, p. 258).

A globalização econômica, aliada à localização estratégica de Nova Alvorada do Sul, que fica às margens da BR 267, faz com que esse município possa se tornar um dos maiores centros de exportação do estado, principalmente para a mercado asiático, uma vez que este faz parte da rota

---

Em 2017, o grupo Odebrecht Agroindustrial mudou seu nome para Atvos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/odebrecht-agroindustrial-muda-nome-para-atvos-e-fala-em-novos-investimentos.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

do Corredor Rodoviário Bioceânico<sup>7</sup>, que ligará o porto de Santos aos portos de Antofagasta e Iquique, no Chile, conectando os oceanos Atlântico e Pacífico.

## 2.1 CARACTERIZAÇÃO INDUSTRIAL DAS PRINCIPAIS CIDADES PEQUENAS DA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE CAMPO GRANDE – MS

Uma cidade pequena, independente do seu número de habitantes, pode mudar sua funcionalidade de acordo com sua localização geográfica, investimentos recebidos ou por estar inserida dentro de um contexto de melhoria da infraestrutura de transporte. Corroborando para tal afirmação, Endlich (2006, p. 173) ressaltou que “[...] tanto a acessibilidade como o isolamento podem ser elementos explicativos para a existência e para os papéis das pequenas cidades [...]”, influenciando nos papéis desses centros na divisão territorial do trabalho.

Uma vez que a acessibilidade é um dos fatores que influenciam na seletividade das indústrias na apropriação do território, Sposito e Matushima (2002) e Sposito (2015) contribuem com o conceito de “eixos de desenvolvimento”, que foi utilizado para compreender a desconcentração industrial em São Paulo, com a industrialização de cidades médias. Eixos de desenvolvimento são áreas que apresentam condições favoráveis à instalação de indústrias, como proximidade com a capital, infraestrutura de transporte e comunicação, e dinamismo urbano (Sposito, 2015).

Acerca disso, pode-se pensar, para a RGI estudada, a formação dos eixos de desenvolvimento, uma vez que uma série de fatores influenciam para a escolha de determinados municípios para a instalação de indústrias de maior grau tecnológico. Em Ribas do Rio Pardo, por exemplo, está sendo construída a fábrica de celulose da multinacional Suzano no contexto do Projeto Cerrado<sup>8</sup>, que entrará em operação em 2024, com investimentos previstos de R\$ 22 bilhões, geração de 3 mil empregos diretos e aumento anual de 20% da produção atual da empresa.

---

<sup>7</sup> O corredor rodoviário liga os oceanos Atlântico e Pacífico pelos portos de Antofagasta e Iquique, no Chile, passando por Paraguai e Argentina. Disponível em: <<https://rotabioceanica.com.br/tracado-e-caracteristicas/>>. Acesso em: 24 out. 2023

<sup>8</sup> Conheça a fábrica de celulose que a Suzano está construindo em Ribas do Rio Pardo. Disponível em: <<https://www.suzano.com.br/projetocerrado/>>. Acesso em: 29 jun. 2023.

Diante disso, cabe-nos perguntar: quais atrativos uma cidade pequena como Ribas do Rio Pardo, que conta com uma população de 23.150 habitantes e nenhuma expertise industrial, tem para a instalação de uma planta industrial de uma multinacional?

No contexto do conceito de eixos de desenvolvimento, essa questão pode começar a ser respondida tendo como ponto de partida a localização do município, que fica a 97 km de Campo Grande, cidade polo da RGI, e às margens da BR 262 a Leste do estado, facilitando o escoamento da produção para o estado de São Paulo ou para a costa do oceano pacífico através Rota Bioceânica. Sposito, afirmou que:

[...] nas empresas industriais multinacionais a escolha da localização considera principalmente as condições logísticas e conseqüentemente infraestruturais, uma vez que o destino das mercadorias em determinados casos não se localiza no mesmo país onde se instala uma unidade industrial (Sposito, 2015, p. 380).

Os fatores locacionais colocados por Sposito quanto à seleção dos municípios para a instalação de estabelecimentos industriais, podem ser vistos em Ribas do Rio Pardo, porém outras análises se fazem necessárias.

A Suzano desenvolve produtos a partir do cultivo de eucalipto, que por sua vez exigem água e uma extensa área para a prática dessa monocultura. Nesse sentido, a estrutura fundiária dos municípios, sobretudo do Mato Grosso do Sul, que é um estado com elevada concentração fundiária, é mais um fator locacional que é levado em conta pelo capital. Partindo desse pressuposto, o Censo Agropecuário do IBGE (2017) demonstra que dos 1.200 estabelecimentos rurais do município, 815 possuem mais que 100 hectares, o que facilita, em termos comerciais, burocráticos e afins, a instalação de uma indústria desse porte. Em relação à água, Thomaz Junior, discorreu que:

O capital tem à disposição elementos imprescindíveis para a marcha expansionista dos seus negócios. Além de contar com os favorecimentos dos investimentos públicos e também privados, e [...] acesso às melhores terras (planas, férteis, localização favorável e logística de transportes adequada) [...] o sucesso do empreendimento como um todo requer a garantia de acesso à água [...] (Thomaz Junior, 2010, p. 94).

Acerca dessa realidade, Thomaz Junior (2010) chamou de “agrohidronegócio” as atividades no território agrário que mobilizam e usam recursos hídricos de modo estratégico. Nesse contexto,

o autor insere boa parte de Mato Grosso do Sul na organização espacial denominada como “polígono do agrohidronegócio” (Thomaz Junior, 2010, p. 95). Observa-se, nesse sentido, que no recorte da pesquisa, as atividades industriais de Ribas do Rio Pardo e Nova Alvorada do Sul inserem-se nesse contexto, contribuindo para a formação de uma verdadeira cadeia produtiva baseada na produção de papel e celulose e na indústria sucroenergética, que tem suas matérias-primas desenvolvidas em grandes fazendas em áreas de aquíferos e rios.

Ademais, o canteiro de obras da Suzano atraiu para Ribas do Rio Pardo aproximadamente 10 mil trabalhadores<sup>9</sup>. Nesse sentido, sem perder de vista a dimensão social, uma vez que crescimento econômico não é sinônimo de desenvolvimento, concordamos com Bernardelli (2004), quando a autora discorre sobre o deslocamento de trabalhadores, ao afirmar que tal movimento migratório não se dá:

[...] em função da “atração exercida pelas cidades” (relacionada à melhoria da qualidade de vida que se poderia usufruir: educação, saúde, moradia, saneamento, trabalho, pois sabemos o quanto as cidades brasileiras estão distantes de garantir tais direitos a todos os cidadãos), mas em função da expulsão promovida pelo desenvolvimento do capitalismo no campo e da concentração fundiária (Bernardelli, 2004, p. 34).

As análises da dinâmica industrial em Ribas do Rio Pardo, também evidenciam a grande capacidade de transbordamento que a instalação de indústrias tem em pequenos centros. Segundo Prestes (2022), o levantamento realizado pela Fundação do Trabalho de Mato Grosso do Sul (FUNTRAB) revelou que o número de abertura de empresas no município cresceu 198% em relação a 2018, quando 54 empresas foram abertas. Em 2022, esse número saltou para 164 novas empresas, sendo que 68% são do setor de serviços.

Desse modo, nota-se a complexidade para se realizar a leitura geográfica de uma cidade pequena, quando se nota possibilidades de desenvolvimento ao mesmo tempo que se observa contradições na estrutura fundiária e na qualidade de vida das pessoas que residem nesses centros.

Algumas cidades pequenas da RGI estudada, desempenham papéis heterogêneos, como por exemplo, São Gabriel do Oeste, que conta com uma população de 29.579 habitantes, e tem sua

---

<sup>9</sup> Ribas do Rio Pardo recebe 10 mil trabalhadores “flutuantes”. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2023/09/05/populacao-flutuante-entenda-fenomeno-que-atinge-ribas-do-rio-pardo-que-vive-com-10-mil-moradores-temporarios.ghtml>>. Acesso em: 11 out. 2023.

principal atividade industrial ligada à suinocultura. A Cooperativa Central Aurora Alimentos é a maior indústria do município. A planta industrial da Aurora começou a operar em 1996<sup>10</sup>, em São Gabriel do Oeste, e é considerada uma das mais modernas do Brasil.

Acerca dessa realidade, Fresca e Veiga (2011, p. 388) vão debater sobre a especialização produtiva que pode ocorrer nas cidades pequenas, na medida em que: “A especialização de pequenos núcleos urbanos põe em evidência aspectos de multifacetados processos econômicos, sociais, políticos etc.” Como no caso da Aurora, que é uma empresa catarinense e se insere na dinâmica de incentivos fiscais da política de industrialização promovida pelo governo sul-mato-grossense ao longo dos anos, assim como apontou Silva (2016), ao classificar quais estados possuíam mais indústrias beneficiadas pelos incentivos em 2014. Santa Catarina ficou em segundo lugar, logo atrás de São Paulo.

A Aurora é o terceiro maior grupo industrial do país na produção de carnes<sup>11</sup>, sendo a planta de São Gabriel do Oeste a que tem a maior produção de presunto do Brasil. Ademais, a especialidade comercial da empresa tem como importante mercado importador de carne suína, os Estados Unidos, Japão e Canadá.

Diante do que foi exposto até aqui, observa-se que agentes econômicos selecionam especificamente algumas cidades pequenas para atender aos interesses econômicos. Fatores como a estrutura fundiária, proximidade com a capital, localização às margens de rodovias e de corpos d’água, incentivos fiscais e disponibilidade de matéria-prima foram importantes para a escolha desses municípios. Como resultado, essas cidades pequenas passam a integrar os possíveis "eixos de desenvolvimento" dentro do recorte estudado, ainda em formação no Estado.

No contexto dos estabelecimentos frigoríficos instalados na RGI estudada, além da atividade industrial ligada à suinocultura observada em São Gabriel do Oeste, outras cidades pequenas do recorte possuem a atividade industrial frigorífica como a mais relevante. São os casos de Sidrolândia e Terenos, que possuem indústrias frigoríficas de bovinos.

A inserção da indústria frigorífica em Mato Grosso, remonta os anos de 1950, pois, de acordo com Mamigonian (1976), até esse momento, o mercado consumidor era reduzido, se

---

<sup>10</sup> Aurora inaugura ampliação em São Gabriel do Oeste. Disponível em: <<https://www.semadesc.ms.gov.br/aurora-inaugura-ampliacao-em-sao-gabriel-do-oeste/>>. Acesso em: 27 abr. 2023.

<sup>11</sup> De acordo com a Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. Disponível em: <<https://fiesc.com.br/pt-br/imprensa/aurora-coop-assume-operacao-da-planta-industrial-de-suinos-da-unium-em-castro-pr>>. Acesso em: 10 nov. 2023.

concentrando em São Paulo e Rio de Janeiro. Nesse cenário, Mato Grosso desempenhava o papel de vender gado magro para ser engordado no interior do estado paulista para, posteriormente, serem abatidos por empresas estrangeiras que se localizavam próximo à metrópole paulista.

O cenário de domínio estrangeiro começou a se modificar a partir de 1950, no contexto de condições políticas favoráveis aos estabelecimentos nacionais. Acerca dessa realidade, Mamigonian, observou que:

[...] somente em 1951, durante o governo Getúlio Vargas, foram tomadas várias medidas (empréstimos bancários, isenções de taxas, etc.) apoiando a implantação de novos frigoríficos no interior do Brasil-central. Este estímulo foi respondido prontamente pelos invernistas de São Paulo e Mato Grosso, que passaram a montar, na década de 1950, vários frigoríficos nas suas áreas de engorda: Andradina (Moura Andrade), Araçatuba (T.Maia), Barretos (Antenor Duarte), Campo Grande (Coelho), etc. (Mamigonian, 1976, p. 12).

Terenos, conforme o IBGE (2022), é uma cidade pequena que fica a 31 km Campo Grande, com uma população de 17.638 pessoas na escala municipal, e possui algumas características singulares no recorte espacial selecionado para a presente pesquisa: sua proximidade com a capital do estado, e o número de assentamentos de reforma agrária, que reflete na composição da estrutura fundiária do município.

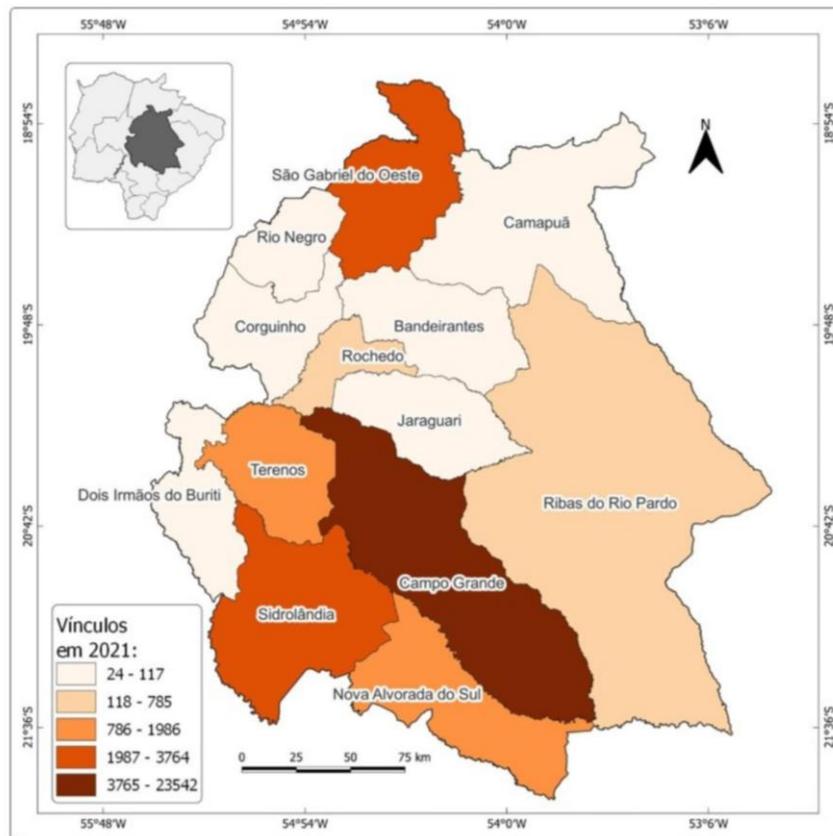
O que foi debatido pelo autor contribui para pensarmos sobre Terenos, pois, mesmo que o município tenha fatores locais que o qualifique para fazer parte dos eixos de desenvolvimento (Sposito, 2015), a estrutura fundiária e o seu tamanho territorial, que é de 2.845,723 km<sup>2</sup> (quinto menor do recorte), segundo o IBGE (2022), fazem com que o município não seja tão atrativo para os interesses capitalistas industriais. Nesse sentido, cabe-nos pensar na disseminação do modo industrial (Jurado da Silva, 2011), uma vez que a principal atividade industrial do município é a frigorífica, a mais tradicional do estado, o que mostra uma divisão territorial do trabalho na RGI estudada.

Sendo assim, na atualidade, o principal estabelecimento industrial de Terenos é a Frizelo frigoríficos, que conta, também, com unidades em Campo Grande e Juti. Na unidade de Terenos, de acordo com o Econodata (2023), o número de vínculos ultrapassa 400, e o faturamento anual vai de R\$ 300 a R\$ 500 milhões.

As análises do espaço geográfico e da inserção industrial são complexas e nunca devem ser generalizadas, uma vez que há especificidades, como no caso de Sidrolândia, cidade pequena que

fica a 71 km de Campo Grande, que abriga uma população de 47.118 habitantes (IBGE, 2022). O município, assim como Terenos, tem em sua estrutura fundiária um grande número de propriedades de 0 a 10 hectares, se conformando como o município da RGI que mais possui pequenas propriedades. É importante destacar que o grande número de pequenas propriedades não significa que não haja desigualdades no espaço rural desses centros, uma vez que em dimensões territoriais os latifúndios são majoritários.

Por outro lado, Sidrolândia é a cidade pequena do recorte que mais possui vínculos empregatícios industriais, como pode ser observado na Figura 3.



**Figura - 3 - Distribuição dos vínculos empregatícios na Região Geográfica Imediata de Campo Grande, 2021**

Fonte: RAIS/MTE, 2023. Elaborado pelos autores, 2023.

A relevância industrial de Sidrolândia, refletida no número de vínculos, se dá por meio da atividade industrial frigorífica, com a inserção de diferentes atores após os anos 2000. Silva (2016) apontou investimentos do BNDES, que fizeram com que o município ingressasse na cadeia internacional de *commodities*, e incentivos fiscais para a instalação de frigoríficos. Ademais, como

análise comparativa com Terenos, o município tem uma extensão territorial de 5.265,695 km<sup>2</sup>, segundo o IBGE (2022).

De acordo com o Econodata (2023), o principal estabelecimento industrial de Sidrolândia é a Frigo-Balbinos, que iniciou suas atividades em Sidrolândia no mês de novembro de 2017, com investimentos na casa dos R\$ 50 milhões para instalação da unidade fabril. No ano de 2018, a indústria possuía 300 empregos diretos e 800 indiretos<sup>12</sup>. Os principais mercados compradores eram o estado de São Paulo (carne bovina) e a China (miúdos). A indústria frigorífica, na atualidade, segundo o Econodata (2023), possui cerca de 300 funcionários e um faturamento anual que varia de R\$100 a R\$200 milhões anuais, se consolidando como a maior indústria do município.

Nesse contexto, notou-se que a concentração de indústrias frigoríficas pode ser explicada por meio das “economias de aglomeração”, debatida por Corrêa (1995), que versou sobre a localização periférica das indústrias, destacando alguns fatores de influência, como o preço dos terrenos, do aluguel, dos insumos, dos impostos etc. Sobre a seletividade espacial desses estabelecimentos, Corrêa ([1990], p. 36), destacou que: “A proximidade da matéria-prima, o acesso ao mercado consumidor final ou às fontes de energia, são atributos clássicos que não são desprezados pela grande corporação”.

Nota-se, na RGI estudada, que os fatores citados por Corrêa (1995), aliados a elementos teóricos de outros autores que foram utilizados ao longo do trabalho, comprovam o desenvolvimento industrial desigual interno e externo à RGI, na medida em que alguns municípios contam um setor industrial relativamente desenvolvido, enquanto outros exercem a função de fornecedores de matérias primas ligadas à agricultura e pecuária. Ademais, a divisão territorial do trabalho no interior da RGI se deu por uma série de fatores que puderam ser observados, como localização, acesso à água, estrutura fundiária, incentivos fiscais e proximidade com Campo Grande.

---

<sup>12</sup> A previsão inicial de funcionamento do frigorífico era para novembro de 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvpqqMfXXs0>>. Acesso em: 15 mar. 2023

### 3 CONCLUSÃO

Conclui-se, com a pesquisa, que as cidades pequenas da Região Geográfica Imediata de Campo Grande apresentam semelhanças e, ao mesmo tempo, singularidades, na medida em que a grande maioria dos centros desempenham o papel de produtores de matéria prima (especialmente gado de corte), enquanto outros possuem uma estrutura industrial relevante para os objetivos propostos pela pesquisa, como são os casos de Ribas do Rio Pardo, Sidrolândia, São Gabriel do Oeste, Terenos e Nova Alvorada do Sul, que devido a fatores locais como localização geográfica, infraestrutura, incentivos fiscais e financiamentos públicos, entre outros, se apropriam das cidades pequenas para a acumulação capitalista.

Acerca dessa realidade, notou-se que as cidades pequenas que detêm o protagonismo industrial com maior emprego de tecnologia na RGI, estão localizadas nos possíveis eixos de desenvolvimento, pois estão próximas de Campo Grande, do mercado consumidor e às margens de importantes rodovias do estado, como são os casos de Ribas do Rio Pardo e Nova Alvorada do Sul, que buscam a consolidação de uma cadeia produtiva sucroenergética e de celulose. Por outro lado, há a predominância da disseminação do modo industrial, como ficou evidenciado no caso das indústrias frigoríficas, que são tradicionais, com o emprego de baixas tecnologias. Notou-se que o papel na divisão territorial do trabalho desempenhado pelos frigoríficos, tem como fatores locais relevantes a disponibilidade de matéria prima, a concentração fundiária e a própria história da inserção do estado na economia nacional, por meio de políticas federais varguistas e, posteriormente, através da modernização autoritária. Ambas as políticas tinham como objetivo a expansão das atividades agropecuárias para o Centro-Oeste, formando as economias de aglomeração.

Em relação ao desenvolvimento socioeconômico, é notório os impactos positivos causados pela presença industrial nos pequenos centros da RGI, pois houve melhoria da infraestrutura, a geração de empregos formais e consequente aumento de renda, que ocasionam transbordamentos, principalmente para o setor terciário. Porém, há de se refletir, mensurando se esses impactos positivos são expressivos como são os investimentos públicos para a instalação dessas indústrias. O “desenvolvimento” é alcançado por todos? Quais impactos no território? São questionamentos que tem como intenção não perder de vista a realidade social.

Diante do quadro apresentado, perspectivas futuras são importantes, pois, apesar da predominância histórica dos estabelecimentos industriais frigoríficos, novas possibilidades são evidenciadas, como no caso da ascensão das indústrias sucroenergéticas e de celulose, o que pode indicar uma reestruturação produtiva em curso, com a diversificação da atividade industrial e a implementação de novas tecnologias. A reestruturação do capital, a política industrial do estado, a desconcentração industrial e o período atual da globalização, aliados a melhoria da infraestrutura, como no caso da Rota Bioceânica, podem ser fatores que possibilitem a atração de novos tipos de indústrias para a RGI de Campo Grande, com o incremento de tecnologias inovadoras.

As interpretações econômicas e geográficas permitiram que se fosse realizada a caracterização atual desses municípios, que estão em constantes transformações e inseridos na totalidade do espaço geográfico de um mundo globalizado. Ademais, o presente trabalho não teve a intenção de esgotar as possibilidades de análises, pois seria uma tarefa impossível para o momento. A partir deste, é importante se pensar em novas possibilidades de estudo da temática das cidades pequenas e indústria na RGI de Campo Grande. Um deles é a verticalização do estudo sobre os vínculos formais e informais que são gerados pela indústria, observando as condições de trabalho, pobreza e desigualdades, na busca de se conceitualizar o que seria o desenvolvimento para as populações que residem nos municípios da RGI, o que deixaria o trabalho mais completo, na medida em que se aprofundaria as análises em variadas dimensões.

#### 4 REFERÊNCIAS

BECKER, Bertha Koiffmann; EGLER, Cláudio Antônio Gonçalves. **Brasil: uma nova potência regional na economia mundo**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992. 267 p.

BERNARDELLI, Mara Lúcia Falconi da Hora. **Pequenas cidades na região de Catanduva - SP: papéis urbanos, reprodução social e produção de moradias**. 2004. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO MATO GROSSO DO SUL - FAMASUL (Mato Grosso do Sul). **Boletim Sucroenergético traz potencial produtivo e capacidade de moagem para cana em MS**. 2023. Disponível em:

<https://portal.sistemafamasul.com.br/noticias/boletim-sucroenerg%C3%A9tico-traz-potencial-produtivo-e-capacidade-de-moagem-para-cana-em-ms>. Acesso em: 06 jul. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. In: I WORKSHOP DE GEOCIÊNCIAS - UFRJ, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 1992, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Ufrj, 1992. p. 35-41. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/download/5934/4531>. Acesso em: 28 jun. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1995. 94 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP: espaço e tempo**, São Paulo, v. 15, p. 05-12, 2011. Disponível em: <https://revistas.usp.br/geousp/article/view/74228>. Acesso em: 26 jul. 2023.

ECONODATA. **Econodata**. 2023. Indústrias da transformação. Disponível em: <https://www.econodata.com.br/consulta-empresa>. Acesso em: 06 jul. 2023.

ENDLICH, Angela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades do noroeste do Paraná**. 2006. 505 f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

FRESCA, Tânia Maria. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, Fortaleza, v. 9, n. 20, p. 75-81, 2010. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398>. Acesso em: 26 mar. 2023.

FRESCA, Tânia Maria; VEIGA, Léia Aparecida. Pequenas cidades e especializações funcionais: o caso de Santa Fé - PR. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 23, n. 3, p. 387-395, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/12328>. Acesso em: 14 fev. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico 2022**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/9718#resultado>. Acesso em: 16 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017/resultados-definitivos>. Acesso em: 25 abr. 2023.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas e indústria**: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de presidente prudente - sp. 2011. 282 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.

LAMOSO, Lisandra Pereira. **A exploração de minério de ferro no Brasil e no Mato Grosso do Sul**. 2001. 309 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

MAMIGONIAN, Armen. Notas sobre os frigoríficos do Brasil central pecuário. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 51, 1976. Disponível em: <https://geografiaeconomicaesocial.ufsc.br/files/2016/04/Notas-sobre-os-frigor%C3%ADficos-do-Brasil-Central-pecu%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

PAVÃO, Eugênio da Silva. **Formação, estrutura e dinâmica da economia do Mato Grosso do Sul no contexto das transformações da economia brasileira**. 2005. 250 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Industrial, Programa de Pós-Graduação em Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

PRESTES, João. **Abertura de empresas em Ribas do Rio Pardo triplica com chegada de megaempreendimento da Suzano**. 2022. Disponível em: <https://www.funtrab.ms.gov.br/abertura-de-empresas-em-ribas-do-rio-pardo-triplica-com-chegada-de-megaempreendimento-da-suzano/>. Acesso em: 06 jul. 2023.

RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES SOCIAIS - RAIS. **Bases estatísticas RAIS e CAGED**, 2021. Disponível em: <<https://bi.mte.gov.br/bgcaged/>>. Acesso em: 31 out. 2023.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2004. 476 p.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. São Paulo: EDUSP, 2006. 260 p.

SILVA, Cristóvão Henrique Ribeiro. **Política industrial brasileira e a industrialização de Mato Grosso do Sul no século XXI**. 2016. 278 f. Tese (Doutorado) – Curso de Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2016.

SOARES, Beatriz Ribeiro. PLANOS DIRETORES EM MUNICÍPIOS DE PEQUENO PORTE: reflexões a partir de experiências multidisciplinares. **Formação**, [S. l.], v. 2, n. 15, 2011. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/formacao/article/view/612>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SPOSITO, Eliseu Savério (org.). Rede urbana e eixos de desenvolvimento: dinâmica territorial e localização da indústria e do emprego no estado de São Paulo. In: SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **O novo mapa da indústria no início do século XXI: diferentes paradigmas para a leitura das dinâmicas territoriais do estado de São Paulo**. Presidente Prudente: Editora Unesp, 2015. p. 370-404.

SPOSITO, Eliseu Savério; JURADO DA SILVA, Paulo Fernando; SILVEIRA DA SILVA, Giovane. Disseminação do modo industrial em cidades pequenas paulistas. **Boletim Campineiro de Geografia**, [S. l.], v. 13, n. 1, 2023. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-campineiro/article/view/2985>. Acesso em: 3 abr. 2024.

SPOSITO, Eliseu Savério; MATUSHIMA, Marcos. A dinâmica econômica no estado de São Paulo: do paradigma de área ao paradigma do eixo de desenvolvimento. In: SILVA, João; SILVEIRA, Márcio (org.). **Geografia Econômica: temas regionais**. Presidente Prudente: Editora Unesp, 2002. p. 187-216.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. O agrohidronegócio no centro das disputas territoriais e de classe no Brasil do século XXI. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 5, n. 10, p. 92-122, 2010. EDUFU - Editora da Universidade Federal de Uberlândia. <http://dx.doi.org/10.14393/rct51012042>.

*Data de recebimento: 17 de dezembro de 2023.*

*Data de aceite: 16 de maio de 2024.*